

Agressores também pedem ajuda

Violência praticada na escola indica geralmente convívio em lares desestruturados

Por Daniela Borges



Diz o ditado popular que quem bate esquece. Será mesmo? Quando se trata de bullying, não apenas o agredido necessita de cuidados e acompanhamento psicológico, mas também o agressor requer um olhar atento ao seu comportamento hostil.

Para o psiquiatra infantil Gustavo Teixeira, autor do livro *Manual Antibullying* (Ed. BestSeller), a conduta impulsiva de algumas crianças tem origem na criação, na maneira com que os pais educam seus filhos. “Crianças que habitam lares desestruturados, convivem com pais hostis, agressivos. Sem laços afetivos harmoniosos, têm a chance aumentada de desenvolver condutas também agressivas na escola”, afirma o especialista.

Segundo Teixeira, a aprendizagem ocorre por espelhamento. “Que acontece quando a criança convive diariamente com pais pouco afetuosos e que demonstram um padrão de comportamento que prega a violência e a agressividade como estratégias de resolução de problemas. Logo, a criança assumirá esse comportamento aprendido com os pais”, diz. Nessas famílias, geralmente, segundo ele, não há diálogo, tudo é resolvido por meio de brigas, e um dos pais sempre ganha as discussões, maltrata ou sobrepuja o outro, impondo sua supremacia pela força.

PADRÃO FAMILIAR. A falta de afeto e carinho, além da aplicação de punições físicas contra os filhos também são apontadas pelo psiquiatra como fatores que reforçam o comportamento agressivo. “A criança tende a tomar essas condutas como corretas e as levará para o ambiente escolar”, diz.

Outro padrão familiar que colabora para o desenvolvimento de atitudes ofensivas na infância é a falta de limite e a permissividade dos pais com relação ao jeito agressivo no trato com irmãos, amigos e colegas de escola. “A dificuldade que muitos pais enfrentam na imposição de regras e de disciplina pode propiciar o surgimento de verdadeiros ‘reizininhos da casa’. Crianças opositivas, desafiadoras e desobedientes que podem precocemente desenvolver comportamentos hostis na escola, se tornando um bully”, afirma o psiquiatra.

O temperamento e a personalidade da criança também devem ser levados em consideração. Para Teixeira, muitas características e traços emocionais são definidos geneticamente e algumas crianças são naturalmente mais impulsivas, agressivas e provocadores. O psiquiatra determina que não somente o jovem agressor, mas também a sua família recebam ajuda. “A avaliação médica com um psiquiatra especialista na infância e adolescência será necessária. A terapia cognitivo-comportamental e a terapia de família podem ser opções interessantes”.

PERFIL. Para reconhecer um aluno agressor basta reparar no seu jeito. Segundo Teixeira, eles se julgam superiores aos demais e, diferentemente do senso comum, não possuem baixa autoestima. “Normalmente, são muito confiantes e podem ser considerados populares por muitos estudantes”, aponta o psiquiatra. São habilidosos socialmente, comunicativos, falantes e extrovertidos. Possuem um poder maior de liderança e são mais aptos para realizar a manipulação de alguns colegas contra outro, por exemplo.

“Os agressores mantêm seu status social às custas da violência e da opressão de suas vítimas e se sentem mais poderosos cada vez que agredem e maltratam outros estudantes”, reforça Teixeira. Como a covardia é outra marca dos bullies, eles não costumam agir sozinho, sendo seguidos por dois ou mais alunos que reforçam a noção de grupo, utilizando-se disso para impor medo e

SAIBA MAIS

A palavra bullying é um termo em inglês e deriva do verbo to bully, que significa ameaçar, intimidar e dominar. Sempre existiu nas escolas e pode ser definido como comportamento agressivo entre estudantes. “São atos de agressão

física, verbal, moral ou psicológica que ocorrem de modo repetitivo, sem motivação evidente e executados por um ou vários estudantes contra outro, em uma relação desigual de poder”, explica o psiquiatra Gustavo Teixeira.

Educação de qualidade ao seu alcance!



*Educação Cristã
é para a
vida toda!
Seu filho
pode ter um
futuro diferente.
Faça a escolha
certa!*

**MATRÍCULAS
ABERTAS!!**



**ESCOLA
CRISTÃ
BATISTA**

Transformando, hoje, o amanhã!

(12) 3916-6900

www.ecbr.org.br

Rua Wladimir Herzog, 32
Bq. dos Eucaliptos - JCampos



Vítimas de violência sofrem, tudo para agressor manter o seu status

RISCOS NO FUTURO

Autores de bullying aumentam as chances de se envolverem em vários problemas

- Uso abusivo de álcool e outras drogas
- Maior envolvimento em brigas corporais
- Criminalidade
- Possessão de armas
- Problemas com a justiça
- Atos delinquentes
- Furtos
- Destruição de patrimônio público
- Repetição do padrão de comportamento na faculdade e no trabalho

COMO LIDAR

Dicas para os pais diante do perfil agressor da criança

- ✓ Converse com seu filho a respeito do bullying, suas manifestações e conseqüências
- ✓ Mostre a importância do respeito mútuo e de saber respeitar as diferenças de cada um
- ✓ Informe que a violência deve ser sempre evitada
- ✓ Tente identificar razões para tal comportamento
- ✓ Procure a escola, converse com professores e funcionários a respeito do problema

Fonte: Gustavo Teixeira, Psiquiatra infantil e autor do livro Manual Antbullying

insegurança aos alvos da violência.

PUNIÇÃO. Os pais devem ser chamados à escola para discutir os problemas e ajudar na busca por soluções. Paralela a essa parceria, a escola deve, segundo o psiquiatra Teixeira, ensinar ao aluno agressor que atos de violência não serão tolerados. “E que conseqüências por essa atitude serão enfatizadas pela instituição de ensino”, afirma o médico. A criação de um programa antibullying na escola deve ser realizada.

Para a psicóloga Simone Estácio, que atua em instituição de ensino em São José dos Campos, a escola deve estar preparada para ter um olhar individualizado e coletivo ao mesmo tempo. “Deve estar atenta ao bullying, o que ele sinaliza, o que representa e como as crianças e adolescentes envolvidos podem e devem ser ajudados. É o olhar que vai além das provocações”, explica.

O primeiro passo, segundo ela, é saber diferenciar a brincadeira do fenômeno bullying. “Para ser considerado bullying, deve existir uma vítima indefesa provocada por uma ou mais pessoas, que exercem seu poder em frente a outras pessoas (espectadores), e a ação acontece de maneira recorrente”, diz.

Para Simone, todos sofrem nesse conflito, tanto a vítima, quanto o agressor. “Pois o comportamento de intimidação e provocação, constantemente, esconde alguém que resolve seus problemas de autoestima rebaixando os outros, não conseguindo se colocar no lugar do outro” afirma.

Para ela, a escola precisa se capacitar para agir de forma adequada, ensinando meninos e meninas a se olharem, reconhecerem suas atitudes e refletirem sobre elas, desenvolvendo a autonomia moral. “Acredito que desta forma a escola não só trabalhe o bullying de forma efetiva como também o previna em muitos casos”, completa a psicóloga. ●